

Ana Duarte Rodrigues

(Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa)

Citação: Rodrigues, Ana Duarte, "A importância da natureza, dos jardins e da arte da jardinagem nas utopias de Morus a Howard", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 14 (2013), ISSN 1645-958X.
<<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id05id164&sum=sim>>

I will undertake, then, to show how in "Town-country" equal, nay better, opportunities of social intercourse may be enjoyed than are enjoyed in any crowded city, while yet the beauties of nature may encompass and enfold each dweller therein; how higher wages are compatible with reduced rents and rates; how abundant opportunities for employment and bright prospects of advancement may be secured for all; how capital may be attracted and wealth created; how the most admirable sanitary conditions may be ensured; **how beautiful homes and gardens may be seen on every hand**; how the bounds of freedom may be widened, and yet all the best results of concert and co-operation gathered in by a happy people.

Ebenezer Howard, *Garden City of To-morrow*

O conceito de cidade-jardim de Ebenezer Howard surge pela primeira vez no texto *To-morrow: A Peaceful Path to Real Reform* (1898), que ficou mais conhecido através da edição revista de 1902 com o título *Garden Cities of To-morrow*. O excesso de fluxo de população às grandes cidades, sentido em plena Revolução Industrial, justificou a necessidade e a urgência da proposta de Howard: criação de cidades-satélite, independentes, em volta das grandes cidades, projetadas à escala humana, consubstanciando o melhor que a vida da cidade e a vida do campo têm para oferecer, potencializando, no processo, uma nova era de solidariedade e cooperação na sociedade inglesa. Howard criou o conceito de cidade-jardim em sentido oposto ao prevalecente no império inglês de então, com a intenção de proporcionar aos indivíduos mais liberdade e, ao mesmo tempo, renovar a vida em comunidade. Ideologicamente, o conceito de cidade-jardim encontrava-se nos antípodas da mentalidade imperialista e capitalista vigente.

A visão utópica de Howard constituiu um modo de tentar resolver os problemas de pobreza, poluição e insalubridade sentidos em contexto urbano com o desenho de novas cidades em que a arte paisagista desempenhava um papel primordial na projeção de parques e jardins no traçado urbanístico, e também na estreita relação que visava estabelecer com o mundo rural. Cidade e campo são aqui entendidos em dialética pois o conceito de cidade-jardim é verdadeiramente vantajoso já que soma todos os benefícios obtidos na vida da cidade e na vida do campo sem as desvantagens observadas num e noutro caso quando isolados (Howard 1965: 47). Desta associação, uma nova esperança iria nascer. Nas palavras de Howard: "Town and country *must be married*, and out of this joyous union will spring a new hope, a new life, a new civilization" (Howard 1902: 18).

Para além de uma maior proximidade com o campo e com a natureza, na sua proposta, o jardim estava sempre presente nas mais variadas tipologias, com diferentes funções, justificando assim a definição deste novo conceito de urbanismo. A cidade-jardim de Howard organiza-se em vários círculos concêntricos, sendo que a zona residencial começa na 5.^a Avenida adjacente ao Palácio de Cristal, no qual uma parte é utilizada como Jardim de Inverno,² e termina na 1.^a Avenida adjacente à indústria nos arredores da cidade. Na 3.^a Avenida encontrava-se o cinturão verde da cidade e com esta localização Howard garantia que nenhuma casa ficava muito distante do parque. No centro existe um jardim onde abunda a água.³ Por todo o lado, pululam jardins e hortas comunitárias:

Noticing the very varied architecture and design which the houses and groups of houses display – **some having common gardens and co-operative kitchens** – we learn that general observance of street line or harmonious departure from it are the chief points as to house-

building over which the municipal authorities exercise control, for, though proper sanitary arrangements are strictly enforced, the fullest measure of individual taste and preference is encouraged. (Howard 1902: 24, o negrito é nosso)

Paisagem, cidade e jardim são na proposta de Howard um sistema complexo e essencial para a vida do ser humano em comunidade. Esta ideia podia ser já sentida na edição francesa do texto *Dissertation on Oriental Gardening* (1772) de William Chambers (1723-1796) quando este menciona a existência de mais de quatrocentos espaços ajardinados na Pequim imperial, no qual a integração do jardim na cidade se apresenta como vital para a teoria urbana do século XVIII e se prolonga pelo século XIX, culminando na proposta de Howard e no seu conceito de cidade-jardim.

Concordamos com John Rockey (1983) quando inclui a proposta de Howard no mesmo grupo de que fazem parte os textos de James Silk Buckingham (1787-1855), *National Evils and Practical Remedies* (1849); de Robert Pemberton (1788-1879), *The Happy Colony* (1854); de Benjamin Ward Richardson (1828-1896), *Hygeia, A City of Health* (1875), nos quais o desejo de concretização da utopia contradiz a própria raiz etimológica da palavra, *ou-topos* ou “não lugar”, apesar da cidade-jardim de Howard se radicalizar mais no sentido da outra palavra grega que se associou à anterior: *eu-topos* ou “lugar bom, lugar ideal”. No cerne da bondade do lugar reside a ligação à natureza, ao campo e à arte da jardinagem, a propósito da qual Howard cita um trecho de John Ruskin (1819-1900), de *Sesame and Lilies* (1865):

“Thorough sanitary and remedial action in the houses that we have; and then building of more, strongly, beautifully, and in groups of limited extent, kept in proportion to their streams and walled round, so that there may be no festering and wretched suburb anywhere, but clean and busy street within and the open country without, **with a belt of beautiful garden and orchard round the walls**, so that from any part of the city perfectly fresh air and grass and sight of far horizon might be reachable in a few minutes’ walk. This the final aim” – John Ruskin *Sesame and Lilies*. (Howard 1902: 20, o negrito é nosso)

O conceito de cidade-jardim relaciona-se também, tal como Batchelor (1969: 187-189) indica, com o pensamento e propostas de figuras associadas ao desenvolvimento de projetos para novas comunidades: Robert Owen (1771-1858), Charles Fourier (1772-1837), Saint-Simon (1760-1825), Jeremy Bentham (1748-1832), Claude-Nicholas Ledoux (1736-1806) e Pemberton (1803-1888), sendo de destacar Owen, Fourier e Saint-Simon como mentores de sociedades ideais, merecendo por isso a designação de “socialistas utópicos” que lhes é atribuída por Martin Buber em *Paths in Utopia* (1958). Claude-Nicholas Ledoux, por exemplo, propõe em *L’Architecture considérée sous le rapport de l’Art, des Moeurs et de la Législation* (1804) a criação da comunidade Chaux-de-Fonde baseada numa fórmula geométrica na qual os conceitos de utilidade e recreio foram concretizados tendo em conta aspetos sociais. Por exemplo, as estruturas residenciais situadas nas periferias das cidades eram complementadas com pomares e hortas. Em termos formais, Chaux-de-Fonde antecipa claramente a cidade-jardim de Howard, mas em termos organizacionais o conceito da Cidade-jardim encontra-se mais próximo das vilas industriais criadas pelos Cadbury ou os Lever.

Os irmãos Lever, produtores de sabonete, criaram, em 1887, um modelo de vila – Port Sunlight – para acomodar os seus funcionários de forma digna e que lhes garantisse o seu bem-estar. Nesta vila todas as casas tinham um jardim. E foi um membro da família Cadbury – o quaker George Cadbury – que, depois de se mudar de Bourn Brook Hall para o sul de Birmingham, em 1893, criou às suas custas uma vila para os seus empregados na qual cada casa tinha igualmente um grande jardim.

São, por conseguinte, vários os modelos reais e as teorias coetâneas que podem ter inspirado o conceito de cidade-jardim de Howard, mas a verdade é que este se enquadra, desde logo, na longa genealogia de utopias da Idade Moderna que apresentam a natureza, os jardins e a arte da jardinagem como centrais na construção do ideal utópico.

Na primeira das Utopias, a de Thomas Morus (1478-1535) de 1516, reconhecemos a valorização da arte da jardinagem e a harmonia, sem antagonismos nem rivalidades, entre a cidade e o campo, entre a área urbanizada e a paisagem envolvente, tal como observamos em Howard. No capítulo “Das Cidades da Utopia e particularmente da cidade de Amaurota”, cerca de um terço é dedicado à descrição dos jardins e da importância que a arte da jardinagem tinha para o embelezamento da cidade:

Atrás, e entre as casas, **abrem-se vastos jardins**. Em cada casa há uma porta que dá para a rua e outra para o jardim. Estas duas portas se abrem facilmente com um ligeiro toque, e deixam entrar o primeiro que chega. (...)

Os habitantes das cidades **tratam de seus jardins com desvelo; cultivam a vinha, os frutos, as flores, e toda a sorte de plantas**. Põem nessa cultura tanta ciência e gosto que

jamais vi em outra parte maior fertilidade e abundância combinadas num conjunto mais gracioso. Não é o prazer o único motivo que os **incita à arte da jardinagem**; há emulação entre os diferentes quarteirões da cidade, que lutam à porfia por **quem terá o jardim mais bem cultivado**. Na verdade, **nada se pode conceber mais agradável, nem mais útil aos cidadãos que esta ocupação**. O fundador do império bem o compreendeu, quando tantos esforços envidou para encaminhar os espíritos nessa direção. (Morus 1516: 25, o negrito é nosso)

O jardim da *Utopia*, que se desenvolve na parte de trás dos palácios e para os quais uma porta se abre, apesar da descrição sumária, parece claramente inspirado pela composição que caracterizava então os jardins do Renascimento italiano nos quais existia uma profunda ligação entre a arquitetura e o desenho do jardim que se organizava em torno de um eixo que partia do edificado. Também a descrição das duas portas permite suspeitar que o autor tem em mente os palácios renascentistas concebidos e teorizados por Leon Battista Alberti (1404-1472) ou realizados por Giuliano da Sangallo (c. 1443-1516), nos quais um eixo que parte da porta que dá para a rua atravessa o pátio central e termina no jardim. Reconhecemos a aplicação destes mesmos princípios na concepção dos jardins do palácio Piccolomini, elemento fundamental do mais significativo programa de renovação de uma cidade quatrocentista – Corsignano, que passa a denominar-se então de Pienza, em honra do seu mentor, o papa Pius II (1405-1464), que o dirige entre 1459 e 1464.

Contudo, se em termos compositivos os poucos indícios remetem para a tratadística de arquitetura produzida no século XV e para a arte dos jardins renascentistas italianos que então se desenvolvia, o mesmo não se pode observar em termos funcionais. Enquanto o jardim italiano do Renascimento se define por assumir fins puramente estéticos, os jardins da *Utopia* de Morus dão continuidade à tradição medieval aliando utilidade e beleza e fazendo coabitar árvores de fruto com plantas puramente ornamentais, tal como observamos em Howard.

O segundo texto sobre Utopia que trouxemos para esta discussão é o famoso trabalho de Tommaso Campanella (1568-1639) – *Cidade do Sol* (1623) – que assume a forma de um diálogo poético entre um almirante genovês que tinha acompanhado Colombo na sua viagem para a América e um grão-mestre dos Hospitalários, no qual ele relata as suas experiências na Cidade do Sul, em Taprobane, logo abaixo do equador. A sua proposta consiste num modelo ideal de sociedade que, em contraste com a desordem e irracionalidade do mundo real, estava em harmonia com a natureza.

Campanella descreve uma cidade composta por sete círculos com grandes cercas culminando num templo em memória de grandes homens. Protegidos e defendidos por sete círculos de cercas, formalmente semelhante à cidade-jardim de Howard. Todo o mundo da Filosofia Natural se encontra representado nos sete muros. A descrição do terceiro círculo lembra os *horti picti* da pintura parietal romana, e relaciona-se, sem dúvida, com o interesse desportado pela botânica com eco na multiplicação da criação de jardins botânicos por toda a Europa desde que o Jardim Botânico de Pádua fora fundado em 1545. Na descrição do mundo vegetal, Campanella refere o desenho das plantas (sob a forma de gravuras) – prática essencial para o estudo da botânica e descoberta de espécies de Novos Mundos. Verifica-se também uma preocupação com a identificação das espécies e a sua caracterização faz lembrar o tipo de etiquetagem que tem lugar nos jardins botânicos, como se constata no seguinte trecho:

No interior do terceiro círculo, encontram-se **as gravuras de todos os géneros de plantas e ervas**, algumas das quais vivem dentro de vasos colocados sobre as arcadas da parede externa. **As declarações que lhes vão anexas ensinam o lugar da primeira descoberta**, as suas forças, propriedades e relações com as coisas celestes, com as diferentes partes do organismo humano, com as produções metálicas e marinhas, e também o uso particular de cada uma em medicina, etc. Na parte externa, vêem-se os peixes de cada espécie, de rios, lagoa e mares, os seus hábitos, qualidades, modos de geração, de vida e de criação, o uso a que o mundo e nós lhe fazemos servir, enfim, as suas relações com as coisas celestes e terrestres, produzidas pela natureza e pela arte. (Campanella 1623: 6, o negrito é nosso)

Quatro anos depois de *A Cidade do Sol* ter sido publicada, *New Atlantis* foi escrita por Francis Bacon (1561-1626), e publicada pela primeira vez a título póstumo em 1627. Em *New Atlantis*, o narrador é um dos elementos do grupo dos cinquenta e um dos exploradores ingleses que embarcaram do Peru para a China e Japão, e cujos ventos conduziram a uma ilha desconhecida nos Mares do Sul (cuja localização corresponde sensivelmente à Austrália que só era vagamente conhecida quando Bacon escreveu). O texto de Bacon aborda a criação de uma terra utópica, a Nova Atlântida, uma ilha para lá do Novo e Velho Mundo, onde mais uma vez os jardins ajudam a criar um espaço idílico – com grandes lagos, cascatas artificiais, e fontes, pomares, parques e cercas –, onde todas as espécies vivem em harmonia. No final do

livro, Bensalem não é mais uma ilha desconhecida; encontra-se antes transformada na revelação do Jardim do Éden:

We have also large and various orchards and gardens, wherein we do not so much respect beauty as variety of ground and soil, proper for divers trees and herbs, and some very spacious, where trees and berries are set, whereof we make divers kinds of drinks, beside vineyards. (...) **And we make by art, in the same orchards and gardens, trees and flowers, to come earlier or later than their seasons**, and to come up and bear more speedily than by their natural course they do. We make them also by art greater much than their nature; and their fruit greater and sweeter, and of differing taste, smell, color, and figure, from their nature. And many of them we so order as that they become of medicinal use. (Bacon 1626: s/pág., o negrito é nosso)

Porém, a novidade do texto utópico de Bacon consiste no facto de apresentar uma possibilidade de construção de um Paraíso Terrestre graças às conquistas científicas. Tommaso Campanella dá um primeiro passo neste sentido com o desejo de conhecimento e a representação do mundo nos sete círculos com que programa a sua cidade utópica. Eleanor Blodgett interrogou-se se Bacon teria lido o tratado de Campanella. Diz Blodgett que parece legítimo colocar esta hipótese dada a forma de ambos os textos: partes de obras maiores, *Civitates Solis* fazia parte de *Realis Philosophiae Epilogisticae partes quator, hoc est, de Rerum Natura...* e *New Atlantis* seria o final da obra baconiana sobre botânica e arte dos jardins mais importante depois do ensaio *Of Gardens* (Blodgett 1931: 766). Já Timothy Reiss coloca estas duas utopias seiscentistas nos antípodas uma da outra: enquanto os sistemas de pensamento de Campanella constituem um paradigma do conhecimento por analogias, ainda enraizado na tradição medieval, o quadro mental de Bacon prevê atingir o conhecimento por um processo indutivo (Reiss 1973: 83). Mesmo quando analisamos a *Magnalia Naturae* (1627) de Francis Bacon, esta parece uma lista com as conquistas da ciência que irão contribuir para o bem-estar dos habitantes de Bensalem na Nova Atlântida.

O que torna este texto tão interessante e tão atual é a crença de que é possível melhorar as condições de vida do homem através do total controlo da Natureza pela Ciência, ou, pelo contrário, esta ambição científica mascara uma luta pelo poder sob a capa da religião (Caetano 2011: 1). O colégio *Salomon's House* lidera esse primado e preconiza a investigação das universidades modernas. É largamente aceite que a Royal Society fundada em Londres em 1645 aí se tenha inspirado. No entanto, este poder, este domínio sobre o mundo através do conhecimento apresenta-se com uma capa de “protecção de uma aparente religiosidade” (*ibidem*). Assim, com Francis Bacon o conceito de Utopia cruzar-se-á com o de Paraíso, porque para Bacon, a origem dos jardins deve-se a Deus: Deus começou por criar um jardim que encheu com todas as espécies, um homem e uma mulher. Como este é o *locus* original da humanidade, Bacon considera a jardinagem o mais puro dos prazeres humanos. Sem jardins, palácios e edifícios não são nada senão construções inóspitas. O autor conclui que quanto mais elevado for o nível civilizacional, mais perfeita será a sua arte da jardinagem e, em Bensalem, graças ao conhecimento até conseguem ter algumas espécies antes da estação do ano que lhes é própria (cf. negrito no trecho de Bacon *supra cit.*). Torna-se evidente que o jardim substitui o paradigma de *Paradise Lost* (1667) sobre o qual John Milton (1608-1674) escreverá mais tarde.

De 1657, o texto utópico de Cyrano de Bergerac (1619-1655) *Histoire comique des états et empires de la lune* (1657) conduzir-nos-á não para uma ilha, mas para um satélite – a lua –, então entendido como planeta distante, e numa segunda parte, publicada numa edição póstuma, o protagonista Drycona escapa da terra numa segunda máquina voadora e chega ao sol – numa clara alusão à *Civitates Solis* – onde irá encontrar Tommaso Campanella.

Em *Histoire comique des états et empires de la lune*, Drycona chega ao Jardim do Éden da Lua. Trata-se de uma sátira à Bíblia porque com os conhecimentos que o autor, um soldado francês, tinha do funcionamento do universo e da filosofia natural, este questiona a própria verdade bíblica sobre a criação do universo e da natureza. A ilha é substituída pela lua e a Natureza é o grande jardineiro, oferecendo uma imagem literária da lua completamente diferente do território inóspito de superfície rochosa que conhecemos: verdejante, florida, de onde se desprendem perfumes e cores deliciosas, como se constata no trecho:

Là, de tous côtés, les fleurs **sans avoir eu d'autre jardinier que la Nature**, respirent une haleine si douce, quoy que sauvage, qu'elle réveille & satisfait l'odorat; là l'incarnat d'une Rose sur l'églantier, & l'azur éclatant d'une Violette sous des ronces ne laissant point de liberte pour le choix, font juger qu'elles sont toutes deux plus belles l'une que l'autre; **là le Printemps compose toutes les Saisons**; là ne germe point de plante veneneuse que sa naissance ne trahisse sa conservation (...).(Bergerac 1657: 31-32, o negrito é nosso)

Não obstante as raízes utópicas do conceito ebenezerniano já terem sido questionadas porque sobrevalorizadas (Rockey 1983: 83), não deixa de se constatar que nas utopias de Morus, Campanella, Bacon e Bergerac o valor da natureza, da arte da jardinagem e da ligação com o campo se apresenta como fundamental, tal como o reconhecemos na proposta de Howard.

Diferente do Paraíso ou do Jardim do Éden, a utopia de Howard define um mundo desejado, no entanto possível de atingir até um certo ponto. Assim, o primeiro projeto de uma cidade-jardim nos arredores a norte de Londres, em Letchworth, foi criado pelos arquitetos Unwin and Parker e data do ano de 1903, sendo atualmente um *heritage site*. O seu desenho propõe um plano orgânico adequado à escala humana citando as cidades medievais que se encontravam ainda num estado de comunhão com o campo, completamente diferente do traçado ortogonal da tradição clássica renascentista. O segundo projeto de uma cidade-jardim é da autoria de Louis de Soissons que em 1920 desenhou Welwyn. Esta cidade, implementada em 1948, foi uma das primeiras novas cidades construídas no pós-II Guerra Mundial e constituiu uma boa solução com variados espaços verdes nos arredores da cidade para recreio.

Depois da Primeira Guerra Mundial, durante o processo de reconstrução da Inglaterra, o movimento das Cidades-jardim alcançou algum sucesso no planeamento de novas cidades. Contudo, as políticas habitacionais aprovadas tinham uma necessidade de implementação imediata e previam acima de tudo a reconstrução do maior número possível de casas, sem qualquer visão de conjunto. Apesar do sucesso de Letchworth ter sido real, como se verifica pela comparação que Osborn, no prefácio à edição de *Garden City of Tomorrow* de Ebenezer Howard de 1965, estabelece entre Letchworth e Meca. Osborn anuncia Letchworth como modelo mítico para o urbanismo da primeira metade do século XX, mas da qual não se reteve o conceito geral e sim detalhes compositivos:

Seeing other countries, and of the International Garden City Association (afterwards the International Housing and Town Planning Federation), with Howard as its President, gave Letchworth world-wide fame; the town became the Mecca of housing and planning reformers from every country; and it was not the fault of its founders that experts concentrated more and more interest on the Letchworth housing standard and the minutiae of its layout, and less and less on the larger idea it was built to illustrate. (Osborn 1965: 12-13)

Ainda que a ideia da cidade-Jardim se tenha tornado uma referência para muitos, tornou-se totalmente incompreendida e era muito comum estabelecer confusão com os jardins dos subúrbios espalhados à volta de Londres que Howard tentara eliminar das suas propostas. Só depois da Segunda Guerra um programa urbanístico, com grandes semelhanças com o de Howard, foi aprovado: o “New Towns Act” de 1946.

Apesar de o conceito ter sido desenvolvido por toda a Europa, foi nos Estados Unidos da América que conheceu maior sucesso. Clarence Samuel Stein (1882-1975), urbanista americano e principal proponente do movimento da cidade-jardim nos EUA, colaborou no projeto Village Green nos arredores de Los Angeles. O complexo foi construído em 1942 e cada unidade não tinha mais de dois quartos para atrair seniores e jovens adultos como residentes. Outro dos projetos de cidade-jardim criado na América com mais sucesso foi o de Village Homes, nos arredores da cidade de Davis no Colorado, da autoria de Michael N. Corbett, autor dos livros – *A Better place to live. New Design’s for Tomorrow’s Communities* (1981); *Designing Sustainable Communities: Learning From Village Homes* (1999); e *The Poetry of Architecture and Awakening Human Sensibilities to Survive Climate Change* (2010). Village Homes nasceu de um profundo respeito e apreço pela interação com o meio ambiente e a paisagem envolvente. Neste projeto verifica-se um maior aproveitamento de energia solar prevendo o aquecimento natural da água e dos espaços interiores. Village Homes foi pioneira no conceito de drenagem natural demonstrando como a água da chuva pode ser aproveitada e utilizada esteticamente para realçar o plano urbanístico. Village Homes foi igualmente modelar na reintrodução de árvores de frutos e espécies vegetais hortícolas na paisagem com vista ao desenvolvimento urbano prevendo desde o início terreno para jardins, pomares e vinhas. Plantações de videiras eram, por exemplo, usadas à volta das casas para providenciarem sombra no Verão e decorarem a paisagem.

Quando a Village Homes foi projetada o conceito de desenvolvimento não existia e as instituições públicas nem se preocupavam com a questão ambiental. Assim, Village Homes provou ~~não só~~ que era exequível aliar conceitos estéticos com preocupações ecológicas e utilitárias e tornou-se, assim, modelo para todo o mundo. Poderíamos pensar em Village Homes como uma utopia que se tornou real, e por isso deixou de o ser, mas que ao mesmo tempo assim permanece porque poucas são as comunidades no planeta que atingiram tal qualidade de vida. Em jeito de conclusão, terminamos com as palavras de Osborn que já em 1965 afirmava que, se tivéssemos tido a sabedoria de seguir as propostas de Howard, infinitas injúrias às sociedades urbanas podiam ter sido evitadas (Osborn 1965: 16).

Referências Bibliográficas

- Bacon, Francis (1626), *New Atlantis*, <http://ebooks.adelaide.edu.au/b/bacon/francis/b12n/>
- Bergerac, Cyrano (1657), *Histoire Comique, contenant les Etats & Empires de la Lune*, Paris, Chez Charles de Sercy, au Palais, dans la Salle Dauphine, <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k101934s>
- Batchelor, Peter (1969), "The Origin of the Garden City Concept of Urban Form", *Journal of the Society of Architectural Historians*, Vol. 28, No. 3, 184-200.
- Blodgett, Eleanor Dickinson (1931), "Bacon's *New Atlantis* and Campanella's *Civitas Solis*: A Study in Relationships", in PMLA, Vol. 46, No. 3, 763-780.
- Caetano, Joana, C. S. (2011), "O Olho de Bensalem: Poder em *New Atlantis*", *E-topia: Revista Eletrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 12. ISSN 1645-958X.
<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id05id164&sum=sim>
- Campanella, Tommaso (1623), *Civitas Solis*, Trad. anónima para português.
<http://www.culturabrasil.org/cidadedodosol.htm>
- Forman, Richard T.T. (2008), *Urban Regions. Ecology and Planning Beyond the City*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Howard, Ebenezer (1902), *Garden City of To-morrow*, London, Swan Sonnenschein & CO., Ltd.
<http://www.archive.org/stream/gardenciestom00howagoog#page/n65/mode/2up>
- Howard, Ebenezer e Osborn, F. J. (pref.) (1965), *Garden Cities of To-morrow*, Cambridge, Mass, MIT Press.
- Morus, Thomas (1516), *Utopia*, Trad. anónima para português.
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000070.pdf>
- Reiss, Timothy J. (1973), "Structure and Mind in Two Seventeenth-Century Utopias: Campanella and Bacon", *Yale French Studies*, No. 49, Science, Language, and the Perspective Mind: Studies in Literature and Thought from Campanella to Bayle, 82-95.
- Rockey, John (1983), "From Vision to Reality: Victorian Ideal Cities and Model Towns in the Genesis of Ebenezer Howard's Garden City", *The Town Planning Review*, Vol. 54, No. 1, 83-105.

Notas

¹ Este texto, inédito, trata-se de um desenvolvimento aprofundado da conferência "The role of gardens for a better world" apresentada no colóquio internacional *O HOMEM (IN)VISÍVEL: UTOPIAS NA(S) HISTÓRIA(S) E NA FICÇÃO/THE (IN)VISIBLE MAN: UTOPIA IN HISTORY AND IN FICTION*, organizado pelo CHAM e pelo Departamento de Literatura, que decorreu entre os dias 2 a 4 de Novembro de 2011 na Universidade dos Açores em Ponta Delgada, Ilha de São Miguel, Açores, Portugal.

² "The space enclosed by the Crystal Palace is, however, a good deal larger than is required for these purposes, and a considerable part of it is used as a Winter Garden (...)" (Howard 1902: 23)

³ "In the centre is a circular space containing about five and a half acres, laid out as a beautiful and well-watered garden." (Howard 1902: 22)